

**“UM ALÍVIO, UM RECOMEÇO E UMA NOVA ESPERANÇA”: REFLEXÕES
SOBRE A MORTE EM UM ESPAÇO NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO¹**

“A RELIEF, A BEGINNING AND A NEW HOPE”: REFLECTIONS ON DEATH IN A
NON-FORMAL EDUCATION SPACE

“UN ALIVIO, UN INICIO Y UNA NUEVA ESPERANZA”: REFLEXIONES SOBRE LA
MUERTE EN UN ESPACIO DE EDUCACIÓN NO FORMAL

Romário Silva Jorge¹ 0000-0002-0564-4230

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis² 0000-0003-0129-0719

Tatyanne Gomes Marques³ 0000-0003-3076-3220

Veraci de Jesus Souza Mende⁴ 0000-0003-1468-9905

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista, BA, Brasil; rom.mario080694@gmail.com

² Universidade do Estado da Bahia – Guanambi, BA, Brasil; sonia_uneb@hotmail.com.

³ Universidade do Estado da Bahia – Guanambi, BA, Brasil; tatygmarques@yahoo.com.br

⁴ Escola M. Sebastiana Brandão Pereira – Ibitiara, BA, Brasil; veracijesusmendes@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo, apresenta-se reflexões acerca de uma experiência investigativa com jovens de uma comunidade rural em formação religiosa. O texto está dividido em três partes complementares: na primeira, faz-se uma revisão da literatura sobre a Educação não-formal, com ênfase para as práticas educativas em contexto religioso; na segunda, apresenta-se o viés esperançoso da morte, a partir dos pressupostos que orientam a Escatologia Cristã; na terceira, analisa-se qualitativamente os resultados de uma oficina que objetivou promover um diálogo escatológico sobre a morte, bem como suas implicações nos sentidos atribuídos pelos participantes a esse “evento” fronteiro. Os achados da análise evidenciam que, imersos nesse processo de ensino e aprendizagem, os jovens rurais passaram de um *saber-experiência* envolto pelo medo para uma dimensão em que o morrer é percebido como um rito de passagem para a vida eterna. Além disso, denotam a importância de se conhecer e respeitar a variedade de *comunidades aprendentes*, em sua forma, organização metodológica e razão social, abrindo caminhos para outros temas e modos de pensar-fazer pesquisa e/na Educação.

Palavras-chave: educação não-formal; formação religiosa; escatologia cristã.

ABSTRACT:

This article, presents reflections on an investigative experience with young people from a rural community undergoing religious training. The text is divided into three complementary parts: the first one reviews the literature on non-formal education, with emphasis on educational

¹ Este artigo resulta da pesquisa intitulada *Teologia e Literatura: reflexões escatológicas na poética de Adélia Prado*, desenvolvida por nós, em 2019, como trabalho de conclusão do curso de extensão em Teologia para Leigos, ofertado pela Diocese de Livramento de Nossa Senhora em parceria com o Departamento de Educação (DEDC – Campus XII) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

practices in a religious context; in the second, the hopeful bias of death is presented, based on the assumptions that guide Christian Eschatology; in the third, we qualitatively analyze the results of a workshop that aimed to promote an eschatological dialogue about death, as well as its implications for the meanings attributed by the participants to this borderline “event”. The findings of the analysis show that, immersed in this teaching and learning process, rural youths moved from a knowledge-experience surrounded by fear to a dimension in which dying is perceived as a rite of passage to eternal life. In addition, they denote the importance of knowing and respecting the variety of learning communities, in their form, methodological organization and social reason, opening the way for other themes and ways of thinking-doing research and/in Education.

Keywords: non-formal education; religious formation; christian eschatology.

RESUMEN:

Este artículo presenta reflexiones sobre una experiencia investigativa con jóvenes de una comunidad rural en formación religiosa. El texto se divide en tres partes complementarias: la primera revisa la literatura sobre educación no formal, con énfasis en las prácticas educativas en un contexto religioso; en el segundo, se presenta el sesgo esperanzador de la muerte, a partir de los presupuestos que orientan la escatología cristiana; en el tercero, analizamos cualitativamente los resultados de un taller que tuvo como objetivo promover un diálogo escatológico sobre la muerte, así como sus implicaciones en los significados atribuidos por los participantes a este “acontecimiento” límite. Los hallazgos del análisis muestran que, inmersos en este proceso de enseñanza y aprendizaje, los jóvenes rurales transitan de un saber-experiencia rodeado de miedo a una dimensión en la que el morir es percibido como un rito de paso a la vida eterna. Además, denotan la importancia de conocer y respetar la variedad de comunidades de aprendizaje, en su forma, organización metodológica y razón social, abriendo caminos para otras temáticas y formas de pensar-hacer investigación y/o en Educación.

Palabras clave: educación no formal; formación religiosa; escatología cristiana.

Provocações iniciais

Nós, seres humanos, estamos condicionados a um ciclo natural: nascer, crescer, envelhecer e morrer. Todos morreremos um dia, por circunstâncias diversas e em estágios diferentes. “O homem vai morrendo em prestações. Cada segundo e cada momento representam vida desgastada” (BOFF, 1998, p. 35). “Quem viverá sem ver a morte? Quem tirará sua vida das garras do túmulo?” (Salmos 89, 49)².

O temor da progressiva dissolução do corpo e, principalmente, o medo de que tudo acabe para sempre, resulta numa busca desenfreada pela criação de procedimentos estéticos e cirúrgicos, e outras tantas estratégias, com o intuito de prolongar a vida, de rejuvenescer. Diante dessa fatídica realidade, questionamos: “Onde, em nossa experiência do dia a dia, experimentamos uma superação da morte?” (VILHENA; BLANK, 2001, p. 83-84).

² Os títulos dos livros que compõem a Bíblia costumam ser abreviados de maneira específica, entretanto, por sabermos que o leitor pode não ter um conhecimento prévio acerca dessas abreviações, optamos por registrar o título completo. O número que antecede a vírgula informa o capítulo, e o que sucede, o versículo bíblico.

Esses questionamentos coadunam com as inquietações de um grupo constituído por seis jovens da comunidade rural de Lagoa do Dionísio, no município de Ibitiara/Bahia, que se reuniam, em meados de 2019, em decorrência da formação catequética da Crisma³, os quais procuravam, dentro dessa comunidade de fé, respostas para seus dilemas existenciais. Com o intuito de ajudá-los, planejamos e aplicamos a oficina intitulada *Café Literário: uma prosa sobre a vida após a morte*, orientada pela leitura interpretativa de alguns dos poemas de Adélia Prado (2006; 2009) que apresentam a morte por uma ótica esperançosa.

No presente artigo, analisamos os resultados da referida atividade, bem como suas implicações nos sentidos atribuídos à morte por esses jovens rurais, com base nas narrativas fornecidas por eles e outros registros (imagens e anotações em diário de campo...) produzidos por nós. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, por ater-se à discussão de “[...] aspectos que se preocupam em compreender as conexões que se dão com os indivíduos, suas vivências e suas ações enquanto sujeitos da história.” (REIS, 2021, p. 240). A fundamentação teórica inscreve-se no arcabouço da Escatologia Cristã (LIBÂNIO; BINGEMER, 1985; SUSIN, 1995; BLANK; VILHENA, 2001; BOFF, 1996; 1998), que se debruça sobre as realidades últimas da existência humana: morte, purgatório, juízo final, céu, inferno e parusia⁴.

O *locus* da pesquisa (Formação Catequética) e o formato da atividade (Oficina Literária) foram transpassados por um conjunto de procedimentos metodológicos e propósito social bem definido: auxiliar os partícipes na compreensão da morte, à luz do mistério pascal⁵. Por tudo isso, podemos posicioná-la no campo da Educação não-formal⁶, uma modalidade que “[...] se abre para outros modos de fazer, de contribuir para e de construir o processo de aprendizagem e formação pessoal” (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007, p. 14).

Brandão (2007b, p. 96) nos explica que “Quase tudo o que vivemos em nossas relações com outras pessoas, ou mesmo com o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, são momentos de aprendizado”. Aprendemos nas ruas, nos movimentos sociais, nos grupos e ações articuladas pelas igrejas... (FREIRE, 1996; GOHN, 1998; 2006; 2014) enfim, em “*comunidades de vida* [...] que são também protagonistas de cenas e cenários do ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 2007b, p. 97, grifo nosso), a exemplo da Catequese e das estratégias empregadas ali para promover uma educação em determinada fé.

³ A Crisma é um dos três sacramentos da iniciação cristã, segundo os preceitos da Igreja Católica.

⁴ Termo empregado para expressar o retorno de Jesus Cristo no final dos tempos, para o juízo final, descrito como o último julgamento de Deus sobre os seres da Terra.

⁵ Refere-se à Páscoa de Jesus Cristo, ou seja, a passagem da morte para a vida eterna – experiência salvífica que figura como o dado central da fé cristã.

⁶ Registramos a palavra Educação com “E” maiúsculo com o intuito de contornar qualquer suposição de que se trata de uma modalidade inferior ou de menor prestígio.

Diante dessas provocações iniciais e esclarecimentos acerca das razões e dos caminhos teórico-metodológicos que atravessam este estudo, apresentaremos agora algumas notas conceituais a respeito dos princípios balizadores da Educação não-formal, ao mesmo tempo em que tentaremos evidenciar, com um pouco mais de clareza, o potencial educativo que irrompe do encontro de pessoas e dos movimentos promovidos na esfera religiosa.

Notas sobre a Educação não-formal

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2007a, p. 7).

A epígrafe que introduz esta seção sintetiza e impulsiona a ideia de Educação que apregoamos. Se é verdade que as pessoas podem aprender a fazer, a ser e a conviver, nos mais diversos contextos, além de comunicar e ensinar essas aprendizagens em seus círculos de convivência social – e acreditamos verdadeiramente nisso –, não se sustenta a tese de que processos educativos se restringem aos limites demarcados pelos muros escolares, programas e currículos ditos oficiais.

Embora a escola seja uma instituição antiga e desempenhe uma função importante na divulgação dos conhecimentos científicos, corroborando com a manutenção da sociedade, desde há muito tempo, outras experiências formativas têm aparecido fora dela, destinadas a diferentes públicos. “A partir dos anos 1990, no Brasil, tais experiências passaram a ser conhecidas como Educação não-formal, ocorrendo paralelamente à frequência escolar” (VON SIMSON; PARK; FERNANDEZ, 2007, p. 14), mas não necessariamente em oposição a ela. O que se almeja com essa modalidade educativa, em termos gerais, é mostrar as contribuições,

[...] e os limites, os avanços, os riscos, os desafios de outros modos de construir os processos de ensino e aprendizagem, tanto em locais institucionalizados como fora deles, transgredindo o que é instituído – quando for interessante e necessário – e buscando novas formas de estabelecer relações com o mundo, com o outro e consigo. (VON SIMSON; PARK; FERNANDEZ, 2007, p. 14-15).

Muitos estudiosos discutem o conceito em questão, sob múltiplos olhares, ampliando e, em alguns casos, confrontando ideias. Ao discorrer sobre o assunto, Afonso (1989) esclarece que a Educação não-formal diverge da formal no que pese à flexibilização dos conteúdos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista o grupo concreto com que se lida. Assim como Freire (1996), Cerqueira e Coutinho Gonzalez (2016), o autor elenca algumas características que auxiliam na percepção da singularidade dessa modalidade educativa: tem

caráter voluntário, promove a socialização e a solidariedade, é pouco formalizada, favorece a participação e reúne saberes agenciados em coletivos que trabalham e lutam por melhores condições de vida, dentre outras.

Pesquisadores como Gohn (1998; 2004; 2014), Garcia (2005), Von Simson, Park e Fernandez (2007) nos alertam quanto aos riscos das oposições feitas, a princípio, entre os “acontecimentos” ditos não-formais e a escola, com sua perspectiva formal. Isso porque “A Educação não-formal não tem, necessariamente, uma relação direta e de dependência com a Educação formal” (GARCIA, 2005, p. 27), ou seja, são campos que se aproximam no cuidado com a formação humana, “[...] favorecem e estimulam a ocorrência de *experiências* e de *sentidos*” (VON SIMSON; PARK; FERNANDEZ, 2007, p. 14, grifos nossos), mas têm suas particularidades no que pese à organização e metodologias de trabalho.

No caso da Educação não-formal, os métodos e conteúdos emergem de temas que se colocam como necessidades, carências e desafios, em outras palavras, decorrem da problematização que se faz da vida cotidiana (GOHN, 2006). Em sua *pedagogia social*, a construção da cidadania e o enfrentamento dos dilemas mais subjetivos, perpassa pela partilha de saberes socialmente construídos, tendo em mente o conjunto de códigos referenciais e intencionalidades pulsantes que mobilizam e conferem sentido ao aprender.

Em seus estudos, Brandão (2007b) e Freire (1996) situam os *círculos de diálogo* como estratégias basilares na *pedagogia social* da Educação não-formal, com o argumento de que todas as pessoas carregam importantes fragmentos da vida em sua bagagem, diferentes modos de lidar com os eventos e os dilemas que os cercam. Tais *saberes de experiências* se dão “[...] na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p. 26). Eles possuem uma estética criadora e uma práxis singular, podendo inspirar outros sujeitos aprendentes, afinal de contas, “[...] se tudo na vida são trocas e interações, se tudo são diálogos contínuos, múltiplos e crescentes, então, na verdade, conhecemos e compreendemos algo quando fazemos parte dos círculos de vida e de saber em que aquilo é compreendido” (BRANDÃO, 2007b, p. 100).

O autor parte dessa reflexão para cunhar o conceito de *comunidades aprendentes*, cenários alternativos em que eventos pedagógicos não-formais são experimentados, reverberando na troca de valores e perspectivas de apreensão da realidade e fenômenos que a constituem. Desse modo, apontamos os *círculos de diálogo* em contextos religiosos como uma dessas comunidades em que os sujeitos – nesse caso, os fiéis – lidam com o sagrado e, com base em inspirações de ordem transcendente, refletem sobre a condição humana e as “dores do mundo” (SCHOPENHAUER, 2013), dentre elas, o pavor da morte.

As explicações de Brandão (2007a; 2007b), Garcia (2005), Gohn (1998; 2004; 2006; 2014), Von Simson, Park e Fernandez (2007) nos dão certa segurança quando posicionamos a oficina desenvolvida na Catequese de Crisma, inspirada nas inquietações externadas pelos jovens rurais de Lagoa do Dionísio a respeito dos mistérios que envolvem a morte, como um acontecimento da Educação não-formal, juntamente com outras atividades realizadas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), grupos, pastorais e movimentos que se espalham pelo horizonte de atuação da Igreja Católica, contexto religioso em que estão inseridos.

No que pese a Catequese, nota-se que, em seu íntimo, ela figura uma etapa privilegiada do processo de evangelização que está a serviço da Palavra de Deus. No Diretório para a Catequese, lê-se que “Ela acompanha, educa e forma na fé e para a fé, introduz à celebração do Mistério, ilumina e interpreta a vida e a história humana” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2020, p. 24), em harmonia com as obras de caridade e a fraternidade. Essa articulação favorece o caminho espiritual e uma progressiva transformação de mentalidade. Sobre isso, o referido Diretório acrescenta: “[...] a ação catequética consiste em dar a possibilidade de sair da ignorância maior, que impede as pessoas de conhecer a sua identidade e a sua vocação” (p. 22-23) – ontológica, Freire (1996) diria.

Ainda no que tange às metodologias usualmente empregadas na Educação não-formal, Gohn (1998) enfatiza que elas estão bastante organizadas ao redor das falas, pois as vozes dos participantes são carregadas de emoção, desejos, pensamentos, etc. O Diretório para a Catequese endossa essa reflexão no viés catequético-pastoral, quando traz que:

A experiência humana é constitutiva da catequese, tanto na sua identidade e no seu processo, como também nos conteúdos e no método, porque não é apenas o lugar onde se deve fazer ecoar a Palavra de Deus, mas também o espaço em que Deus fala. A experiência de cada pessoa ou de toda a sociedade deve ser abordada com uma atitude de amor, acolhimento e respeito. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2020, p. 64).

A pedagogia catequética contribui com a formação integral ao assumir as instâncias autênticas da experiência humana, auxiliando na interpretação de impasses individuais e coletivos. Nesse ponto, podemos estabelecer uma conexão entre a finalidade da Educação, em um sentido alargado, e a vivência da morte. Educar é uma tarefa indissociável da cooperação e da humanização (FREIRE, 1996; JORGE; REIS; MARQUES, 2021; REIS, 2021). O texto-base da Campanha da Fraternidade de 2022⁷ nos ensina algo mais a esse respeito:

⁷ A Campanha da Fraternidade (CF) é promovida pela Igreja Católica no Brasil, desde 1964, no período da quaresma, com o objetivo de “[...] despertar a solidariedade dos fiéis em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, [...] à luz do Evangelho” (CNBB, 2021, p. 10). Diante das desigualdades

A humanização de uma sociedade passa também pelo modo de lidar com a fragilidade, a morte e o luto. A pandemia nos recordou que não podemos perder de vista essa realidade. Olhar a educação à luz da fragilidade da morte tão próxima significa perguntar o que é que estamos fazendo com a vida, a morte e o luto. Somos uma sociedade que educa considerando a realidade da morte? (CNBB, 2021, p. 93).

Esse questionamento aponta para a ética das relações e nos ajuda a pensar-fazer uma Educação que se ocupa de situações voltadas para o ensinar-e-aprender a lidar com o fato de que todos morreremos um dia. Implica um modo de perceber a vida e como temos vivido. Vale dizer que “Educar é também cuidar, ajudar a ver e, por meio da compaixão, interromper nossa rotina para nos colocarmos a serviço do próximo” (CNBB, 2021, p. 93).

Nessa perspectiva, educar se torna uma tarefa com inclinação divina. “A bíblia nos mostra a história de um Deus que educa seu povo, caminhando com ele, compreendendo suas fragilidades, respeitando suas etapas e alertando diante dos erros” (CNBB, 2021, p. 7). Convictos de que Educação não é um ato isolado, mas sim um encontro no qual todos são educadores e educandos (BRANDÃO, 2007a; 2007b; FREIRE, 1996), reiteramos que fazê-la, mediante *círculos de diálogos* e práticas de letramentos em contexto religioso⁸, é tarefa séria. Há, em sua natureza organizativa, um comprometimento com as intencionalidades pedagógicas, teológicas e pastorais que se almeja alcançar, as quais, no encontro com as experiências e sentidos atribuídos pelos fiéis aos conteúdos da fé, “[...] ajudam a construir novos caminhos em direção ao mundo da vida” (BRANDÃO, 2007b, p. 100).

Dito isso, no próximo tópico, fazemos uma espécie de arqueologia da morte – movimento este que, embora não esteja ancorado nos parâmetros teóricos e instrumentos metodológicos próprios da Arqueologia, no nosso entendimento, também converge para a “escavação” e identificação, na literatura produzida nas Ciências Humanas e, especialmente, na Teologia, das contribuições de vários estudiosos que discutem o viés esperançoso da morte.

Uma arqueologia da morte sob o enfoque da Escatologia Cristã

O ser humano está situado na história e no tempo. Na vida, desfruta dos prazeres carnis e da alegria proveniente do bem adquirido, da saúde, do sucesso profissional... No entanto, esse gozo é enviesado pela transitoriedade, o que provoca demasiada frustração e o leva à busca constante pela felicidade, por não a ter definitivamente.

socioeducativas escancaradas pela pandemia da Covid-19, o tema *Fraternidade e Educação*, e o lema *Fala com sabedoria, ensina com amor*, emergiram como pautas da CF 2022.

⁸ Ver pesquisa de Reis, Eiterer e Galvão (2021) sobre letramento em contexto religioso, com foco nas experiências de mulheres camponesas no Sertão da Bahia, publicado no volume 44 da Revista Educação (Porto Alegre).

Refletir sobre a existência humana implica admitir o aspecto da transitoriedade da vida. Como sinaliza Zilles (2011, p. 210), “[...] somos peregrinos, viandantes. Sempre estamos a caminho. Por mais importantes que sejam o passado e o presente, um projeto de vida também deverá incluir o futuro”. Mas, qual é o nosso futuro? E o futuro da humanidade? Ao refletir sobre esse assunto, Jorge *et al* (2021) pontuam que:

Saber de onde veio e para onde vai sempre foi um grande questionamento para o ser humano. Há uma preocupação (e, de certa forma, um interesse) em desvendar os mistérios que circundam os dois polos da sua existência: a vida e a morte – elas que foram fontes de inspiração no campo da Filosofia, da Teologia e da Literatura, em um passado longínquo, e hoje, por influência das marcas da contemporaneidade, voltaram a ser. (JORGE *et al*, 2021, p. 3).

Longe de adentrar em uma discussão socioantropológica ou histórica acerca da morte, intentamos abordá-la sob o enfoque da Escatologia Cristã, tendo em vista os cenários da experiência que culminou nesta escrita. Em sua raiz etimológica, o termo “escatologia” tem origem em duas palavras gregas: *éschatos* (último) e *logos* (estudo). Em uma visão mais tradicional, pode ser literalmente traduzida como estudo das realidades últimas da pessoa (morte, juízo final, purgatório, inferno, paraíso e parusia), os chamados “novíssimos”.

Em seus primórdios, a Escatologia Cristã mirava unicamente para esses temas, enfocando a relação dos seres humanos com o além da vida e da morte. Em outras palavras, “[...] descuidava a trama do jogo, para lembrar ao homem continuamente a importância única e decisiva do final do jogo” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1996, p. 32).

Essa concepção é problematizada na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965) que, deslocando a atenção demasiada no resultado dessa vida ou sobre o destino da história, apresenta uma doutrina que passa a destrinchar o significado da nossa atuação já nesse mundo, ou seja, concentra-se mais nas táticas, nos lances e no desenrolar do jogo. O sujeito não é dotado somente de passado e presente. “Ele é principalmente futuro. É projeto, prospecção, destinação para o amanhã” (BOFF, 1998, p. 17). Por isso, em virtude desse futuro, pode e deve viver e refletir a sua história, dentro do amplo horizonte de suas virtualidades.

Nesse viés, a Escatologia Cristã deixa de responder aos questionamentos sobre os “novíssimos”, e passa a focar “[...] o absoluto de Deus em relação ao homem e do homem em relação a esse absoluto, como esperança, como perdão, mas também como justiça” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1996, p. 27). Em síntese, passou a investigar:

[...] o arremate e a plenitude dos homens, das mulheres e do mundo em Deus, o Futuro Absoluto. Toma o dado central da fé cristã (a morte e ressurreição de Jesus Cristo) como uma lâmpada para iluminar o caminho daqueles que almejam a salvação eterna. Assim, à luz da revelação escatológica, todos poderão usufruir do Reino de Deus que

[...] já agora vem ao nosso encontro, dentro da história e de maneira concreta (JORGE *et al*, 2021, p. 4).

A construção de uma arqueologia da morte, a partir do enfoque teórico que nos serve, implica o afinamento de um olhar para as razões que sustentam o Cristianismo. Nessa esteira, os questionamentos feitos por Boff (1998), em seu livro *Vida para além da morte*, nos ajudam a endossar essa reflexão: “De que fala, no fundo, o Cristianismo? Onde está sua especificidade?” (p. 22). No entendimento desse autor, o Cristianismo revigorou o universo religioso, sobretudo quando anunciou que o Absoluto Futuro habitou corpo humano, quente e mortal, e se chamou Jesus Cristo, aquele que adentrou a história para marcá-la definitivamente.

Segundo a narrativa cristã, ao longo do tempo, Deus percebeu que os seres humanos, feitos à sua imagem e semelhança (Gêneses 1, 27), estavam corrompidos pela ganância, vaidade, ódio e todo tipo de sentimento ruim que do seu coração brotava. Dotado de uma infinita bondade (Salmos 103, 8), enviou o Seu próprio Filho amado para redimir os pecados da humanidade e apontar-lhes o caminho para a salvação.

Jesus não hesitou em romper com os preconceitos, os padrões e as leis que geravam o sistema opressor da Palestina, no tempo em que lá viveu, e delineou o perfil que uma pessoa digna de alcançar o Céu deveria ter: praticar os dons da caridade (Mateus 25, 34-36), perdoar infinitamente (Marcos 11, 25-26), ser generoso (Provérbios 22, 9), exercitar a justiça (Romanos 1,17), confiar no Senhor (Salmos 25, 8-10) ...

Seu sofrimento maior se deu ao experimentar a morte na cruz, incitada pelo ponto mais alto da ignorância e da maldade humana. Ele realmente precisou passar por isso para provar aos descrentes que era o próprio Deus em essência, Verbo encarnado, tornando real e acessível aquela realidade utópica, para a qual as profecias e os textos bíblicos do Antigo Testamento miravam: a ressurreição dos mortos e a comunhão com os santos.

Diante disso, o Novo Testamento descreve Jesus como Adão escatológico (1 Coríntios, 15-44), o primeiro a, por ação e graça de Deus, romper a barreira da morte e a fazer parte da casa definitiva, o Céu, compondo uma identidade íntima e substancial com o Pai. Como propõe o tratado da Escatologia Cristã, somente com o mistério pascal é que se pode compreender o real sentido do fim, que irrompe as dimensões puramente biológicas para ter um outro sentido. “E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Ele ressuscitou, [...] e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai.” (PAPA PAULO VI, 1965, nº 22).

Para Susin (1995), é preciso que estejamos atentos à mensagem central da morte de Jesus, pois ela é um juízo profético sobre a morte do cristão. “A morte de Jesus é ainda profecia

sobre o ódio, sobre as violências e as dores que produzem o fim. Quem seguir Jesus na vida, segui-lo-á também na morte, no martírio” (SUSIN, 1995, p. 63). Assim sendo, é preciso amar e dar a vida pelos irmãos, assumindo uma postura caridosa, a exemplo do *curriculum vitae* que Cristo delineou, de tal modo que, na cruz, se possa encontrar o reino escatológico de Deus.

É coerente situar a ânsia por transcendência pela ótica do sagrado cristão, que, com sólidos argumentos, dá uma resposta à agonia do homem acerca do seu destino último, fazendo cumprir a palavra da Escritura: “[...] não podem mais morrer, pois serão como os anjos. E serão filhos de Deus, porque ressuscitaram” (Lucas 20, 36). Essa realidade alcançável dependerá, como já sinalizado, das escolhas de cada sujeito.

A felicidade que na terra gozamos, o bem que fazemos e as alegrias que saboreamos no dia-a-dia da existência são já vivência do céu, embora sob forma ambígua e deficiente. As dores que suportamos podem significar o processo purificador que nos faz crescer e abrir mais e mais para Deus e podem antecipar o purgatório. O fechamento sobre si mesmo e a exclusão dos outros podem nos dar a experiência do inferno que aqui o mau e o egoísta vão criando para si e que na morte recebe caráter definitivo e pleno (BOFF, 1998, p. 31-32).

Não se pode excluir a possibilidade de fracasso com a morte, fruto do egoísmo, da globalização da indiferença e desprezo para com os mais necessitados. O purgatório também pode ser antecipado, resultando numa limpeza purificadora ou, em último caso, gerando uma frustração total da pessoa com a morte derradeira, o inferno. Segundo a narrativa cristã, todos têm a liberdade e, por consequência, a oportunidade de alcançar uma experiência salvífica, experimentando, ainda que sumariamente, a vida eterna.

O arcabouço teórico que nos serve esclarece ainda que, a certeza da morte não deve pesar sobre a consciência do sujeito, seja ele cristão ou não, de tal modo que lhe paralise e impeça de atuar com respeito ao próximo, levando em consideração a diversidade sociocultural existente. Ao invés disso, pode despertar valores perdidos e ajudar a resgatar alianças desfeitas, fazendo surgir um indivíduo novo.

Ao nascer, a criança abandona a matriz nutridora que, aos poucos, ao cabo de nove meses, fora se tornando sufocante e esgotava as possibilidades de vida intrauterina. Passa por uma violenta crise: é apertada, empurrada, de todos os lados, e por fim ejetada no mundo. Ela não sabe que a espera um mundo mais vasto que o ventre materno, cheio de largos horizontes e de ilimitadas possibilidades de comunicação. Ao morrer, o homem passa por semelhante crise: enfraquece, vai perdendo o ar, agoniza e é como que arrancada deste mundo. Mal sabe que vai irromper num mundo mais vasto que aquele que acaba de deixar e que sua capacidade de relacionamento se estenderá ao Infinito. A placenta do recém-nascido na morte não é mais constituída pelos estreitos limites do homem-corpo, mas pela globalidade do universo total. (BOFF, 1998, p. 40).

Essa analogia nos leva a compreender a morte como um aperfeiçoamento antropológico, onde se deixa para traz todas as limitações do corpo biológico que, de certo ponto de vista, podem ser entendidas como barreiras que separam – ou, pelo menos, limitam – a relação do ser humano com seus pares e com Deus.

Enfim, é preciso lembrar que “[...] a morte é o salário do pecado, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Jesus Cristo” (Romanos 6, 23), que pode ser alcançada pela retidão das ações, o acolhimento ao necessitado e o constante amor para com o próximo.

Reflexões escatológicas em um espaço de Educação não-formal

Esperamos que a discussão feita na seção anterior, imbuída do campo semântico da Escatologia Cristã, tenha corroborado com a adoção de um olhar transcendente para a morte. Nesta segunda parte, de maneira complementar, evidenciaremos os sabres construídos a partir da nossa experiência na Educação não-formal, atuando com jovens inseridos em um contexto de letramento religioso (REIS; EITERER; GALVÃO, 2021).

Ao escrever sobre isso, intentamos também estimular a valorização desse saber-experiência (BONDÍA, 2002) que, no campo dos estudos em Educação, costumam ser subalternizados. Assim, essa escrevivência⁹ configura-se como “[...] um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual” (GOHN, 2004), sem a qual perdemos a potência criativa que nos mobiliza na procura por respostas para os velhos e novos dilemas que nos afligem.

Gohn (2004; 2014), Cerqueira e Gonzalez (2006) pontuam que a Educação não-formal não é, necessariamente, informal, visto que ela se orienta por propósitos sociais e possui objetivos claramente definidos. Com essa explicação, adentraremos agora nos resultados de uma experiência educativa não-formal, a oficina intitulada *Café Literário: uma prosa sobre a vida após a morte*, realizada em 2019 com jovens da comunidade rural de Lagoa do Dionísio, os quais se encontravam, à época, inscritos na formação catequética da/para a Crisma.

A supracitada atividade foi mobilizada pelas dúvidas desses jovens quanto à real existência da vida após a morte – ou seja, partiu de uma *problematização*, como costuma acontecer nos percursos formativos da Educação não-formal (GOHN, 2006). Com isso, teve como propósito a instauração de reflexões transcendentais sobre a morte, guiada pelos seguintes

⁹ Termo cunhado por Conceição Evaristo, sobretudo a partir da obra *Becos da Memória* (2017), para referir a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo.

objetivos: a) Descobrir os sentidos atribuídos à morte pelos jovens crismandos e b) Explorar a simbologia desse evento fronteira fomentada pelo sagrado cristão.

O espaço em que a oficina ocorreu, o salão comunitário, foi organizado de modo a se parecer com uma sala de visitas, utilizando elementos como tapete, bancos dispostos ao redor de uma mesa de centro com café e biscoitos, além de imagens que faziam referência à passagem do tempo e à morte. Sobre o tapete, foram dispostos os poemas impressos, extraídos dos livros de Adélia Prado, bem como a Bíblia e o Catecismo da Igreja Católica. Essa organização (Figura 1) contribuiu para a criação de um ambiente mais informal e acolhedor, propício para a instauração de *círculos de diálogo*, como se preza nas metodologias empregadas na Educação não-formal (BRANDÃO, 2007b; VON SIMSON, PARK; FERNANDEZ, 2007).

Figura 1 - Organização do espaço da oficina



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

Optamos pelo tratamento da temática por meio da literatura pelo fato de a arte literária, enquanto meio de representação e expressão do sagrado (BINGEMER, 2003; JORGE *et al*, 2021), ter o poder de colaborar com a formação no campo religioso, suavizando as discussões dele emergentes. Adélia Prado, poetiza mineira que se declara católica, em seus livros *Bagagem* (2006) e *Oráculos de Maio* (2009) apresenta a morte com um olhar esperançoso, fruto das suas vivências religiosas e da fé que poeticamente professa (BINGEMER, 2003; JORGE *et al*, 2021). Por isso, alguns dos seus poemas¹⁰ foram elegidos, tendo como parâmetro de escolha a adequação temática. São eles: *Refrão e assunto de cavaleiro e seu cavalo medroso* (PRADO, 2006), *Fé* (PRADO, 2006), *O reino do céu* (PRADO, 2006), *A boa morte* (PRADO, 2009) e *Homilia* (PRADO, 2009).

¹⁰ Veja a análise escatológica desses poemas no artigo intitulado *Reflexões escatológicas na poética adeliana*, publicado por Jorge *et al* (2021) no volume 13 da Revista Educação, Linguagem e Literatura – REVELLI (Goiás).

A oficina foi realizada em 25 de outubro de 2019, antecedendo o dia de finados, com um público de seis jovens rurais¹¹ e com duração de quatro horas. Inicialmente, houve o acolhimento dos participantes e um momento de oração com o Pai Nosso, o Credo¹² e a invocação da Santíssima Trindade¹³. Logo após, pedimos que observassem as imagens dispostas na parede e respondessem oralmente aos seguintes questionamentos: Que situações são retratadas nessas imagens? Que impressões elas despertaram em vocês? Já vivenciaram algo desse tipo? Se sentem confortáveis para compartilhar? Quando se fala em morte, o que sentem? Como encaram a realidade de que todos morreremos um dia?

Os jovens se reportaram ao assunto com certa tensão, tanto é que, quando solicitado que definissem a morte em uma palavra, citaram: *aflição, dor, angústia, tristeza, medo e mistério*. Descobrir o que eles sabiam sobre o tema, as experiências que possuíam e o sentidos que atribuíam (BRANDÃO, 2007b; BONDÍA, 2002) ao evento morte, nessa fase inicial, serviu como suporte para a condução das discussões.

Figura 2 - Levantamento do conhecimento prévio a partir da observação de imagens



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

A partir daí, a oficina foi dividida em três etapas: na primeira, nomeada de “Aprofundamento Teórico: o que nos diz a Tradição da Igreja Católica sobre a morte?”, os jovens tiveram a oportunidade de conhecer e analisar o Artigo *Creio na ressurreição da carne*, do Catecismo da Igreja Católica - CIC (2013). Além disso, cada um ficou responsável pela leitura de determinados versículos do capítulo 15 do livro de I Coríntios, com o propósito de compartilhar com os demais presentes o que foi apreendido do texto. Nesse estágio, todos participaram ativamente e correlacionaram a essência da leitura com as práticas sociais

¹¹O grupo foi composto por cinco mulheres e um homem, com idade entre 14 e 29 anos. Todos eles residem em Lagoa do Dionísio, no município de Ibitiara-BA, e participavam, à época, das atividades pastorais da Igreja.

¹² O Credo é uma das principais orações católicas que reúne os pontos centrais da fé professada.

¹³ Um dos mistérios da Igreja, que consiste na crença em Deus Uno e Trino (Pai, Filho e Espírito Santo).

empreendias no meio religioso. As discussões foram sistematizadas com a música *A morte já não mata mais*, de Waldeci Farias.

Na segunda etapa, a “Interpretação da morte nos poemas de Adélia Prado: uma proposta lúdica e interativa”, os jovens foram convidados a ler alguns dos poemas da autora que exploram a temática em foco. Enquanto tomavam café e comiam biscoitos, compartilharam suas impressões, à luz dos aspectos estudados. À essa altura, já podíamos vislumbrar uma mudança de perspectiva, pois passaram a falar do assunto com mais entusiasmo, remontando ao mistério pascal, à experiência salvífica de Jesus Cristo, como uma realidade plenamente alcançável.

Figura 3 - Momento destinado ao estudo bíblico



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

Na última etapa, intitulada “Relato de experiência e avaliação da oficina”, eles foram convidados a redefinir a morte em uma palavra, e os resultados foram os seguintes: *esperança, fé, eternidade, recomeço, leveza, alívio e aceitação*. Esses sentidos atribuídos à morte divergem daqueles outros, projetados no início da atividade, figurando como uma aprendizagem resultante do diálogo e do conjunto de estratégias metodológicas empregadas. Avaliaram o encontro de maneira satisfatória e revelaram o modo como vieram e passaram a ver a morte, através de uma ficha com questões autorreflexivas, cujas respostas merecem atenção.

Quando perguntamos “Como vocês vieram a morte antes de participar da oficina?”, os jovens responderam o seguinte:

Como algo triste, que causa dor (Jovem A).

Sempre encarei a morte com muito medo e aflição, por ser algo desconhecido, prefiro nem pensar nela, muito menos falar sobre, por isso mesmo, no início dessa oficina, me senti um pouco tensa, acreditando que seria este um encontro pesado e triste (Jovem B).

Um jeito de ir cheio de dor (Jovem C).

Era algo amedrontador, gerava medo, aflição, nunca quis sequer imaginar a morte dos meus pais (Jovem D).

Uma coisa muito triste, dolorosa, um assunto muito delicado de se falar e principalmente de vivenciar (Jovem E).

Como algo doloroso, sentimento de que jamais iria encontrar meu ente querido (Jovem F).

Eu via a morte em forma de tristeza, dor, angústia e medo (Crismanda G).

Os depoentes transpareceram o quanto a morte lhes causava dor e medo, categorias centrais na apreensão das suas interpretações. Embora nossos argumentos tenham se orientado mais pela lógica da criação de um universo esperançoso em relação ao escândalo que a morte provoca, não se pode desconsiderar que nós morreremos. “Não só morreremos, como também seremos sepultados. Como manter uma tal fé diante da realidade inegável do cadáver?” (BLANK; VILHENA, 2001, p. 95).

Qualquer esforço em prol da criação de uma visão transcendente, seja ela alçada na esperança em uma vida eterna ou não, precisa levar em conta os sentimentos que esse momento de ruptura desperta, muitas vezes relacionados à dor, à incompreensão, ao desespero e à comoção pela ausência física do ente querido. “A morte é abominável e nenhuma força do mundo é capaz de eliminar a sua absurdidade. A morte é um escândalo até para Deus” (BLANK; VILHENA, 2001, p. 96), tanto é que Ele mesmo a vivencia na pessoa Jesus Cristo, no momento da crucificação, e se vê diante de uma situação de total desamparo: “[...] *Eli, Eli, lamá sabactâni?*”, que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27, 46). No entanto, essa não foi Sua última manifestação, pois, como nos apresentam as sagradas escrituras, o Adão escatológico ressuscitou dos mortos e vive para sempre.

Posto isso, fizemos um segundo questionamento: “Após esse percurso formativo, a concepção de vocês mudou? Se sim, em quê?”. Afirmaram que *sim*, e acrescentaram:

Se transformou em algo mais leve [...], não causa mais perturbação, e que tudo é questão de fé e saber lidar com esse evento, pois existe vida após a morte (Jovem A).

Precisamos encarar essa realidade, que, como diz Adélia Prado, ‘é quase da família.’ Percebi que a aproximação com as escrituras sagradas me fez falar sobre esse assunto “morte” de forma mais tranquila, encerrando esse encontro na certeza da vida eterna (Jovem B).

A morte é um jeito de ir para um lugar bom, onde a vida irá ser bela (Jovem C).

[...] mais cedo ou mais tarde, ela chega, e agora me refiro a ela como um recomeço ou continuação (Jovem D).

Por mais doloroso que seja, devemos ter fé que existe vida após a morte e que vamos para um lugar melhor, para perto de Deus (Jovem E).

[...] *temos uma vida eterna, e que vivemos uma passagem. Devemos aproveitar a vida terrena da melhor forma possível, sendo generosos, humildes e caridosos* (Jovem F).

Esses posicionamentos evidenciam uma gênese de sentidos, se comparados com os argumentos e o medo que demonstraram ter em relação à morte no início da oficina. Esse imaginário negativo parece ter caído por terra, dando lugar a um outro horizonte, marcado pela esperança. Parece-nos que, no entendimento dos jovens rurais, o sofrimento sempre existirá quando se trata da vivência da morte, porém, seu caráter transitório torna-se um dado libertador.

Ademais, nota-se que, ao participarem dessa formação em contexto religioso, motivados por sua fé, aprenderam também que, embora seja uma possibilidade dada por Deus, a prática do bem e a doação ao serviço na comunidade eclesial (Romanos 12, 6-8) são condições precípuas para alcançarem aquilo que apreendem como a salvação – o que perpassa o entendimento de que, em se tratando da morte, “*Tudo não passa de um alívio, um recomeço e uma nova esperança*” (Jovem G).

Considerações finais

A pesquisa realizada evidenciou que, no escopo da Escatologia Cristã, “[...] a morte tem um sentido positivo” (CIC, 2013, nº 1010), na medida em que se converte em um rito de passagem para a vida eterna. Essa perspectiva transcendente e esperançosa, profundamente explorada por Adélia Prado em sua escrivência poética, pode corroborar com a superação das dores provocadas por esse evento fronteiro.

Em síntese, a análise dos resultados alcançados com a oficina *Café Literário: uma prosa sobre a vida após a morte*, desenvolvida na Catequese de Crisma da comunidade rural de Lagoa do Dionísio, em 2019, revela que as situações de ensino e aprendizagem planejadas nesse espaço de Educação não-formal, possibilitaram a partilha de múltiplos sentidos a respeito da morte. Interpretados coletivamente, à luz da fé professada pelos jovens em formação religiosa, esses sentidos reverberaram na construção de *saberes de vida* (BRANDÃO, 2007b) e/ou *saberes de experiência* (BONDÍA, 2002) pautados na compreensão da morte como rito de passagem para a vida eterna, para a salvação. Não obstante, a referida atividade contribuiu com a formação integral desses sujeitos, ao mesmo tempo em que oportunizou o educar para a fraternidade e para a superação dos medos e das dores que ainda pesam sobre os corpos-sujeitos (CNBB, 2021), dentre eles, a notícia da morte.

Em sua essência, este estudo instiga a adoção de um olhar verdadeiramente qualitativo e sensível para as relações estabelecidas nos *encontros de discussão* (BRANDÃO, 2007b), os objetos de conhecimento e as aprendizagens construídas ao longo da vida, seja na Educação

não-formal, a exemplo das práticas catequético-pastorais inscritas em dada comunidade de fé (GOHN, 2014), seja em outras modalidades. Com isso, somos chamados a conhecer e a respeitar cada uma das *comunidades aprendentes* (BRANDÃO, 2007b) que existem ao nosso redor, em sua forma, organização metodológica e razão social, abrindo-nos para outros temas e modos de pensar-fazer pesquisa e/na Educação.

Referências

- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antonio J.; STOER, Stephen R. **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1989.
- ALVES, Rubem. **A liturgia da morte**: crônicas do cotidiano. São Paulo: Folha de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/cronicas/>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- BLANK, Renold Johann; VILHENA, Maria Angela. **Esperança além da esperança**: Antropologia e Escatologia. Vila de Picanya: Editora Siquem Ediciones, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 5ª ed. – Brasília: Edições CNBB, 1991.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Transcendência e corporeidade**: a experiência de Deus segundo Adélia Prado. Gragoatá: Niterói, 2003.
- BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- BOFF, Leonardo. **A vida para além da morte**. 17ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan. / abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007a.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Da turma de alunos à comunidade aprendente. In: ITAÚ SOCIAL. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Social, 2007b, p. 91-101.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). **Creio na Ressurreição da Carne**. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- CERQUEIRA, Dagmar Dias; COUTINHO GONZALEZ, Wânia Regina. Trajetórias e reflexões sobre educação não formal. **Práxis Educacional**, v. 12, n. 23, p. 377-404, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/919>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2022**: Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevoo: o conceito de educação não-formal. In: PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (org.). **Educação não-formal**: contextos, percursos e sujeitos. Campinas: Unicamp/CMU; Holambra: Editora Setembro, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal: um novo campo de atuação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 21, p. 511-526, out./dez. 1998. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v06n21/v06n21a05.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- GOHN, Maria da Glória. A educação não-formal e a relação escola-comunidade. **ECCOS – Rev. Científica**, UNINOVE, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 39-65, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.v6i2.380>. Acesso em: 27 jun. 2022.

- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, II^a Série, n. 1, p. 35-50, 2014. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- JORGE, Romário Silva; MENDES, Veraci de Jesus Souza; MARQUES, Tatyane Gomes; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; OLIVEIRA, Nicivaldo Evangelista de. Reflexões escatológicas na poética adelianna. **REVELLI - Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 13, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51913/revelli.v13i0.10977>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- JORGE, Romário Silva; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; MARQUES, Tatyane Gomes. Espiritualidade e resiliência na prática das coordenadoras pedagógicas de Ibitiara-BA. **Debates em Educação**, v. 13, n. Esp2, p. 709-729, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nEsp2p709-729>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Escatologia Cristã**. São Paulo: Vozes, 1985.
- PAPA PAULO VI. **Gaudium Et Spes**: sobre a Igreja no mundo atual. Roma: Vaticano, 1965.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2020.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. 22^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PRADO, Adélia. **Oráculos de Maio**. 2^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; EITERER, Carmem Lúcia; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Letramento em contexto religioso: Um estudo com mulheres camponesas no Sertão da Bahia. **Educação**, v. 44 n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2021.1.33373>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 47, p. 238-258, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i47.9443. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9443>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo**: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade. Rio de Janeiro: Edipro, 2013.
- SUSIN, Luiz Carlos. **Assim na Terra como no Céu**: Brevilóquio sobre Escatologia e Criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: um conceito em movimento. In: ITAÚ SOCIAL. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Social, 2007a, p. 13-38.
- ZILES, Urbano. **Antropologia Teológica**. Coleção Estudos Antropológicos - São Paulo: Paulus, 2011.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

- Romário Silva Jorge**. Mestrando em Educação pela UESB. Coordenador Pedagógico no Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro (CEPAAC). Pesquisador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPq). Contribuição de autoria: produção e análise dos dados, redação do artigo - <https://lattes.cnpq.br/1202333194285803>
- Sônia Maria Alves de Oliveira Reis**. Doutora em Educação pela UFMG. Docente do Departamento de Educação (DEDC/Campus XII) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPq). Contribuição de autoria: análise dos dados e revisão do artigo - <https://lattes.cnpq.br/9391155498685665>

Tatyane Gomes Marques. Doutora em Educação pela UFMG. Diretora do Departamento de Educação (DEDC/Campus XII) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPq). Contribuição de autoria: análise dos dados e revisão do artigo - <http://lattes.cnpq.br/6540344146598584>

Veraci de Jesus Souza Mendes. Ensino Médio pelo Colégio Estadual de Lagoa do Dionísio (CELD). Secretária Escolar na Escola Municipal Sebastiana Brandão Pereira (EMSBP). Agente de pastoral na comunidade rural de Lagoa do Dionísio. Contribuição de autoria: produção e análise dos dados; redação do artigo - <http://lattes.cnpq.br/7940362036815194>

Como citar este artigo

JORGE, Romário Silva; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; MARQUES, Tatyane Gomes; MENDES, Veraci de Jesus Souza. “Um alívio, um recomeço e uma nova esperança”: reflexões sobre a morte em um espaço não-formal de educação. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e12312, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12312>